



Portugal, o Casino da Esperança

Publicado em 2025-10-12 14:45:17



O País que Jogou a Democracia no Casino



Crónica sobre o vício nacional de apostar sempre nos mesmos



Box de Contexto

A cada anúncio da empresa de jogos “Sol Verde”, surge no pensamento coletivo a sombra simbólica da política portuguesa. Promete-se sorte, ganha-se

ilusão — e o povo, como bom apostador, insiste em jogar de novo.

Há algo de profundamente português em confundir esperança com aposta. Nas televisões, brilha o anúncio da “Sol Verde”, convidando o povo ao prazer instantâneo do risco. E, não sei porquê, a imagem do primeiro-ministro Montenegro parece saltar do ecrã, como se o país inteiro fosse uma roleta e o governo, o croupier que nunca perde.

O marketing diz “jogue com responsabilidade”. A política sussurra “vote com confiança”. E o resultado é sempre o mesmo: a casa ganha, o povo perde, e o jogo continua — patrocinado pelos impostos de quem acredita que, desta vez, vai ser diferente.

O jogo da sorte e da retórica

O novo Portugal vive numa espécie de casino institucionalizado. Há promessas reluzentes, luzes de néon legislativas, e uma música de fundo feita de slogans e soundbites. Cada ministro é um jogador profissional, com fichas compradas à custa do Tesouro. E o povo — sempre fiel — entra de novo, de boletim na mão, convencido de que é ele quem escolhe o número da sorte.

As eleições transformaram-se em rifas: “Vote e ganhe!” Governo novo, política velha, e o mesmo prémio de consolação — um discurso sobre “esperança”, “estabilidade” e “confiança no futuro”. Três palavras

mágicas que, juntas, soam como um feitiço: “Não esperes nada, mas sorri enquanto esperas.”

A casa nunca perde

No casino político, a banca está sempre protegida. Quando há falência, o povo cobre as perdas. Quando há lucro, chamam-lhe “crescimento económico”. E quando o azar é coletivo, inventam uma crise para justificar a redistribuição do nada.

O verdadeiro milagre português é este: perder sempre, mas continuar a acreditar. Afinal, o jogo é tradição. E o jogador português é um otimista profissional — aposta na política como quem aposta no Euromilhões: sabendo que não vai ganhar, mas precisando de acreditar que sim.

Sol Verde, sombra política

Talvez seja coincidência, talvez seja intuição. Mas quando vejo “Sol Verde”, vejo o reflexo de um sistema onde o brilho da sorte encobre a sombra da corrupção. É o mesmo país — o mesmo jogo — o mesmo espetáculo de roleta e discursos vazios.

E Montenegro, nesse palco iluminado, parece o gerente do casino: sorri, convida, promete prémios. Mas no fim, é sempre o povo quem paga a luz que o faz brilhar.

👉 *Crónica de Francisco Gonçalves*

Série “**Contra o Teatro da Mediocridade**”

Publicada em Fragmentos do Caos

🤖 “*Em Portugal, até o azar é gerido pelo Estado.*”



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)